

Volume 7 – Nº 1 – Janeiro/Abril de 2013

Etnografia Virtual e os Estudos com os Cotidianos: a tessitura do conhecimento em rede

Rosemary dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ

brisaerc@hotmail.com

Dilton Ribeiro do Couto Junior

Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ

junnior_2003@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo é resultado de nossas pesquisas de mestrado recentemente concluídas, cujo objetivo é investigar os usos que os jovens fazem do software social Facebook e como estes vêm se relacionando com os saberes que são tecidos nesta interface. Para isso, nos apropriamos das contribuições da etnografia virtual e dos estudos com os cotidianos, que se mostraram imprescindíveis como referenciais teórico-metodológicos do presente estudo. Isso nos permitiu compreender como os jovens utilizam-se das redes sociais da internet para trocar informações, cocriar, participar e autorizar-se no âmbito das ideias compartilhadas que emergem das relações com seus amigos, professores e outros participantes.

Palavras-chave: redes sociais da internet; Facebook; ciberespaço; etnografia virtual; tessitura do conhecimento.

Virtual Ethnography and the Studies with the Quotidians: the interwoven network knowledge

Abstract

This article is the result of our recently concluded master's Degree researches that aims to investigate the youth usage of the social software Facebook and how they are relating to the knowledge that are woven in this interface. Therefore, we appropriate ourselves of the contributions of the virtual ethnography and of the studies with the quotidians, which were indispensable as theoretical-methodological referential in the present study. This allowed us to understand how the youth utilize the internet social networks to exchange information, co-create, participate, and authorize themselves in the scope of the ideas that are shared and that emerge from the relationships with their friends, teachers and other participants.

Key words: internet social networks; Facebook; cyberspace; virtual ethnography; interwoven knowledge.

Introdução

No final da década de 1990 a sociedade começa a passar por uma transição em suas formas constituintes. Já no início do século XXI é possível evidenciarmos mudanças organizacionais, econômicas, culturais e sociais, implicando na forma como pensamos, conhecemos e interagimos com o mundo. Vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social e político da vida humana, e muito disso deve-se aos usos das tecnologias da informação e comunicação na vida social dos sujeitos. O ciberespaço, denominado por Castells (1999) “espaços de fluxos”, é ancorado nos espaços de lugar, como as ruas, escolas, monumentos e as praças. De acordo com o autor,

Nessa rede, nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas por fluxos. Conseqüentemente, a rede de comunicação é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos na rede. A infra-estrutura tecnológica que constrói a rede define o novo espaço como as ferrovias definiam as regiões econômicas e os mercados nacionais na economia industrial; ou as regras institucionais de cidadania específicas das fronteiras (e seus exércitos tecnologicamente avançados) definiam 'cidades' nas origens mercantis do capitalismo e da democracia. (CASTELLS, 1999, p. 442).

É a partir dessa relação dos espaços de fluxos com os espaços de lugar que alguns debates têm emergido acerca do potencial das redes de comunicação na reconfiguração dos cenários políticos, sociais e culturais. Mesmo diante desse cenário, e sabendo que vivemos hoje numa sociedade com grandes possibilidades comunicacionais, pouco se tem discutido sobre como as tecnologias podem contribuir para potencializar as práticas educacionais. Os computadores são interligados em redes de satélites, cabos de fibra ótica, servidores etc., criando uma infraestrutura concreta de constituição das redes telemáticas. Nessa fusão de espaços de lugar e espaços de fluxo, vemos a constituição dos territórios informacionais (LEMOS, 2010).

Os avanços nas tecnologias de informação e comunicação potencializam os espaços de convivência e aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o uso de interfaces interativas, mídias digitais e redes sociais da internet. Levando isso em consideração, iniciamos o presente artigo, parte de nossas pesquisas de mestrado recentemente concluídas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, discutindo a importância da etnografia virtual (ou netnografia), que permite ao pesquisador interagir no ciberespaço e, com os sujeitos, tecer coletivamente novos conhecimentos.

Primeiramente, problematizamos algumas questões que emergiram em nossos estudos sobre a etnografia virtual no/do/com o ciberespaço, buscando

compreender que esta forma de fazer pesquisa propicia que sejam repensadas outras dinâmicas de produção do conhecimento no campo educacional, que muitas vezes desconsidera as experiências dos sujeitos nas investigações científicas, e também a articulação dos saberes com outros campos de pesquisa. Além disso, nos debruçamos sobre as contribuições das pesquisas no/do/com os cotidianos, que mostram a importância de reconhecer e legitimar os sujeitos como coautores da investigação científica.

Na segunda parte do texto buscamos compreender as potencialidades comunicacionais a partir da interação com os usuários no Facebook. Pela potencialidade de capturar as marcas do cotidiano *on-line* do Facebook, a abordagem da etnografia virtual se configurou como uma opção metodológica interessante, tendo “espaço assegurado nas pesquisas onde os objetivos incluem saber ‘o quê as pessoas estão realmente fazendo com a tecnologia’” (GUTIERREZ, 2009, p. 10).

Finalizamos o artigo apresentando alguns caminhos e pistas que nos auxiliaram na tarefa de conhecer, no Facebook, o universo das redes sociais da internet, a partir de nossa imersão na interface e na interação com os jovens pesquisados.

Tecendo rede: a etnografia virtual no/do/com o ciberespaço

Refletir sobre a contemporaneidade implica pensar sobre os valores que vêm mudando aceleradamente nas diferentes áreas sociais, políticas e econômicas a partir de ações coletivas – mudanças que emergem das diferentes áreas do conhecimento humano. A atuação desse conhecimento hoje se materializa cada vez mais pelos usos das tecnologias, aqui entendidas como construção sociotécnica, cujos usos e aplicações são definidos pela atuação direta dos sujeitos no momento sócio-histórico em que vivem, compartilham, cocriam e interagem.

Lévy (1999, p. 92) se refere ao ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O autor mostra que a construção das inteligências em tempo real é coordenada pela própria coletividade em redes que se formam. Segundo Recuero (2009), uma rede social é geralmente definida como um conjunto de dois elementos: pessoas, instituições ou grupos, que são os nós das redes; e suas conexões, que são as interações ou laços sociais. Do mesmo modo que as redes sociais são noções amplas, as redes sociais no ciberespaço são também fenômenos amplos e se distinguem do que é comumente chamado de programas ou *softwares* sociais. Estes últimos são sistemas criados especificamente com a finalidade de promover a articulação dessas redes.

De acordo com Lemos e Lévy (2010, p. 45, grifos dos autores), os *softwares* sociais podem ser definidos como “agregadores de instrumentos de relacionamento social que incluem *chats*, fóruns, *blogs*, fotos, vídeos etc.”. Embora esses *softwares* existam para potencializar a interação entre as pessoas por meio de interfaces dialogáveis, os mesmos podem ser mantidos pelos sistemas e não necessariamente pelas interações em rede, pois as redes são constituídas pelos participantes que delas se utilizam. Assim sendo, sem as pessoas as redes sociais não existem, uma vez que o modo como os usuários se apropriam dos *softwares* é que vai determinar sua ascensão, queda ou permanência de uma determinada rede.

Nossa intenção ao trazer estas questões foi a de problematizar algumas ideias sobre as quais temos pensado dentro das redes que se formam e nos auxiliam na constituição das identidades e subjetividades na/no escola/ciberespaço/cidade. Diante das possibilidades comunicacionais e interativas dos ambientes virtuais, optamos pela netnografia como abordagem teórico-metodológica, o que nos permitiu refletir sobre a tessitura do conhecimento entre o pesquisador e os internautas a partir da imersão nas redes sociais. Dessa forma, como é possível investigar os usos e as apropriações que os jovens internautas fazem, no ciberespaço, com as informações que são compartilhadas no Facebook?

Para responder a questão acima entendemos que o pesquisador vá a campo sem certezas pré-concebidas, praticando o exercício da dúvida, favorecendo a ideia de que os sujeitos da pesquisa sejam concebidos como coautores na relação dialógica estabelecida entre eles e o pesquisador. Isso vai ao encontro do que defende Oliveira (2007, p. 112), estudiosa no campo educacional que investiga no/do/com os cotidianos, ao colocar que,

se os conhecimentos são o resultado de diferentes modos de articulação entre experiências diversas, fica difícil aceitar a ideia de que os conhecimentos são preexistentes ao ato de conhecer, que são dados como 'objetivos' a serem acessados.

Indo nessa mesma direção, Lemos e Lévy (2010, p. 95) concordam que “a verdade não está dada (por quem?), mas ela é constantemente o embate de processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica”. Isso significa dizer que ao adotar essa perspectiva na investigação científica, entendemos que a tessitura do conhecimento se dá numa articulação entre os diferentes saberes dos envolvidos no estudo, o que inclui também os do pesquisador.

Oliveira (2007, p. 120-121) critica as teorias que são consideradas “verdades apriorísticas” e menciona os estudos no/do/com os cotidianos da professora e pesquisadora Nilda Alves, que também são desenvolvidos numa perspectiva que concorda que as teorias “servem como hipóteses, cujos limites devem ser ultrapassados sempre que a vida cotidiana pesquisada nela não couber, não como verdades nas quais tudo o que existe deve se encaixar, ou sumir”. Nesse sentido, a fundamentação teórica adotada apenas auxilia o pesquisador na tarefa de ampliar seu olhar acerca dos diferentes fenômenos sociais, que não podem ser analisados sem os devidos cuidados teórico-metodológicos, pois são complexos os inúmeros aspectos que envolvem a vida cotidiana.

Nesse sentido, a pergunta levantada pelo pesquisador será pensada e repensada no campo a partir da relação que este tem com o objeto de investigação

e, por isto, não há como dissociar os sujeitos de seus respectivos meios sociais. Assim sendo, para que pudéssemos nos aproximar dos jovens pesquisados – usuários do *software* social Facebook –, buscamos a abordagem da etnografia virtual e os estudos no/do/com os cotidianos, com o objetivo de encontrar caminhos e pistas que nos auxiliassem na tarefa de conhecer o universo das redes sociais da internet, compreendendo melhor o nosso campo empírico, o ciberespaço.

Diante disso, a imersão no campo nos permitiu criar caminhos para compartilhar experiências com outros usuários do Facebook e a etnografia virtual se mostrou interessante porque auxilia o pesquisador, segundo Rocha e Montardo (2005, p. 10), em ser “testemunha de um mundo que também se desenrola no ciberespaço”. Morin (1999, p. 22) critica a ideia das pesquisas que criam situações artificiais de controle ao propor as experimentações: “tiro um corpo do seu meio natural, separo-o, coloco-o num meio artificial que controlo ou sobre o qual faço variar um certo número de determinações, e que me permitem conhecê-lo”. Portanto, para que compreendêssemos como os internautas estão habitando as redes sociais que vêm se constituindo no ciberespaço, com o foco sobre o *software* social Facebook, nossa relação com eles no campo se fez numa perspectiva não de controle e experimentação, mas de convivência cotidiana *com* eles.

Também vamos ao encontro da abordagem de Oliveira (2007, p. 122-123) que mostra que captar no campo empírico “seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos torna-se meio fundamental para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que também fazem parte da vida cotidiana e de aprendizagem sobre o mundo”. Essa é a orientação que imprimimos à etnografia virtual, procedimento escolhido para operar com a especificidade do objeto do estudo em questão, já que, segundo Amaral, Natal e Viana (2008, p. 35), a etnografia virtual investiga “os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais”.

Assim, buscamos, com os sujeitos, conhecer fatos cotidianos nas redes sociais do Facebook, nos deixando afetar pela relação construída no campo a partir das conversas *on-line* com usuários desse *software* social. Também realizamos registros escritos mediante intensas observações e intervenções realizadas no ciberespaço. Portanto, a etnografia virtual nos mostrou a possibilidade de conviver com os sujeitos num novo lócus de pesquisa – o ciberespaço –, ainda pouco explorado pelo campo educacional.

Tecendo saberes na interface Facebook

O nosso papel como pesquisadores que investigam com outros internautas foi o de buscar questionar, compreender o cotidiano *com* os sujeitos no Facebook, levantando questionamentos no ciberespaço dentro de uma imersão que se fez partindo dos pressupostos metodológicos da etnografia virtual e dos estudos no/do/com os cotidianos, já brevemente discutidos neste texto.

Diante disso, capturamos¹ centenas de imagens do Facebook, posteriormente traduzidas e interpretadas à luz do referencial teórico-metodológico adotado. Cada imagem capturada permitiu a criação de um amplo acervo imagético que registrou centenas de momentos de interação com/entre os sujeitos envolvidos na pesquisa. E, para realizarmos as análises das conversas *on-line* no presente artigo, optamos por fazer uso de siglas para nos referirmos aos sujeitos, preservando, desta forma, a identidade deles.

“Assistindo ‘Tubarões Monstruosos’ no History Channel”: compartilhando saberes na Web

¹ A captura foi realizada por meio do “print Screen”, um comando existente nos computadores (*netbooks*, *laptops* e *desktops*), cujo acesso se dá através da tecla de mesmo nome, o qual grava, na forma de imagem, o que está sendo exibido na tela.

Concordamos sobre o que diz Santos (2010, p. 34): “o ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias” – como o jornal, revista, rádio, cinema e televisão, segundo a autora. Por isso, consideramos sua possibilidade de agregar toda essa informação e o seu potencial para que os processos de ensino e aprendizagem abarquem as dinâmicas da interação e do compartilhamento. De acordo com Jobim e Souza (2002, p. 77), é interessante que as tecnologias “sejam promotoras de um certo modo de ver as coisas, interpretando e recriando o mundo de muitas e diferentes maneiras”. Os sujeitos podem recriar o mundo fazendo uso das diversas tecnologias e produzindo sentidos também nessas redes digitais. Assim, é possível hoje que as informações de um programa de televisão, de um jornal ou livro, por exemplo, continuem a ser discutidas pelos telespectadores/leitores/internautas na rede mundial de computadores, como é possível evidenciar em *softwares* sociais como o Facebook.

Graduada em Pedagogia numa universidade pública da cidade do Rio de Janeiro, a jovem professora **DF**, de 28 anos, comenta sobre o que assiste no *History Channel*,² possibilitando que outros usuários interessados no assunto também compartilhem de suas impressões iniciais, adicionando novas impressões e comentários:

DF: *[Estou] Assistindo “Tubarões Monstruosos” no History Channel. Tubarões brancos que podem chegar a 7m de comprimento e mais d 2 toneladas são assustadores. Você sabia q por conta do filme “Tubarões” os tubarões brancos quase foram dizimados?*

ASQ: *Um absurdo isso de matar os tubarões. Eles são essenciais para o equilíbrio do planeta!*

Esse monte de ignorantes que os mata por suas barbatanas e os joga de volta no mar para agonizaram até a morte.

Aff... #odeioquemmaltrataqualqueranimal

DF: *Sim, por conta disso a população d focas triplicou e agora eles têm uma grande quantidade d alimentos e crescem mais e mais*

² O endereço do site é: <<http://www.history.com>>.

Volume 7 – Nº 1 – Janeiro/Abril de 2013

rápido, mas as focas ficam perto da praia, logo as pessoas estão sendo atacadas tb

ASQ: *Justamente!*

Nenhum ecossistema é respeitado.

Estranho ainda estarmos aqui! Durando tanto...

Pesquisador: *nossa, tem um monte de documentários bacanas que mostram justamente a interrelação de todos os seres vivos na terra... ninguém passa ileso por um processo de desmatamento ou de extinção de algum animal...*

Pesquisador: *deem uma olhada, é ótimo:*

Pesquisador:

http://www.youtube.com/movie?v=jqxENMKaeCU&feature=mv_sr

Perceber que “na Web, cada elemento de informação contém ponteiros, ou links, que podem ser seguidos para acessar outros documentos sobre assuntos relacionados” (LÉVY, 1999, p. 106), nos revelou a potencialidade do ciberespaço em permitir aos seus usuários o compartilhamento de uma grande quantidade de informações. Capturar um dado informativo da televisão, como o fato de que “Tubarões brancos [...] podem chegar a 7m de comprimento e mais d 2 toneladas” e, posteriormente, compartilhá-la na *Web*, é hoje uma das formas de estar interagindo e produzindo saberes com outros internautas. É grande o fluxo de informações que são produzidas nas redes e um comentário inicial desencadeia outros igualmente importantes que apontam justamente para o caráter participativo e colaborativo do ciberespaço, com arquivos e *links* que podem ser compartilhados e acessados por internautas de diferentes cantos do globo. Isso aponta para o que afirma Santaella (2002, p. 52) sobre a telecomunicação e a informática, que conecta “potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço”.

Ao serem convidados para assistirem ao documentário Home, disponível no site do *YouTube* – “deem uma olhada, é ótimo: [http://www.youtube.com/movie\[...\]](http://www.youtube.com/movie[...])” –, os jovens agora poderão continuar o debate sobre os tubarões a partir de novas

informações que se encontram também nas imagens em movimento e no conteúdo narrativo do filme sugerido. Foi possível evidenciar na conversa do Facebook que os programas televisivos auxiliam esses telespectadores a entender que, por conta da morte dos tubarões, “a população d focas triplicou e agora eles têm uma grande quantidade d alimentos e crescem mais e mais rápido”, pois esses seres vivos “são essenciais para o equilíbrio do planeta!”.

Somando-se a isso, além de telespectadores esses sujeitos também fazem uso da internet e têm à sua disposição, enquanto internautas, o acesso ao ciberespaço, o que torna possível a modificação de toda e qualquer informação num “espaço informacional, um ambiente de signos híbridos no qual imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e mesmo vídeos misturam-se” (SANTAELLA, 2004, p. 144). Frente a isso, os sujeitos são capazes de compartilhar e de modificar antigas informações, de forma a produzir coletivamente novas informações a partir de interfaces que permitem a conversa mediada pelo computador, propiciando a produção coletiva e interativa dos saberes na internet. Segundo defende Santos (2002, p. 120), a valorização da troca de saberes entre os sujeitos encontra espaço nas práticas sociais da cibercultura, pois nas redes digitais “ninguém sabe tudo, todo mundo sabe alguma coisa diferente do outro e é exatamente essa diferença dos saberes que enriquece o coletivo inteligente”. A discussão *on-line*, iniciada por **DF** no Facebook a partir de um documentário do canal *History Channel*, volta agora para a internet na forma de textos e também de um documentário digitalizado que está no *YouTube*. É um movimento constante de troca entre os usuários, potencializado ainda mais pelas possibilidades interativas da rede mundial de computadores.

Santos (2010, p. 46), ao mostrar que “o conhecimento não pode ser transmitido, deve ser construído no processo”, traz outras possibilidades para pensarmos sobre a forma como os sujeitos se relacionam com as informações nas redes digitais. Alves (2002, p. 115) entende que o conhecimento pode ser “construído” sob a ótica da rede, rompendo com a “maneira ordenada, linear e hierarquizada, por um único e obrigatório caminho”. O termo “tessitura do

conhecimento” nos auxilia a compreender que a transmissão unidirecional dos saberes não comporta as múltiplas possibilidades de articulação das ideias, questões, problemas e hipóteses que são levantadas diariamente pelos milhões de jovens que habitam os diversos *softwares* sociais da internet.

Para Santos (2010, p. 47), “acreditamos que aprendemos mais e melhor quando temos a provocação do ‘outro’ com sua inteligência, sua experiência. Sabemos que temos interfaces que garantirão a nossa comunicação com nossa fala livre e plural”. É com este “outro” que o ciberespaço adquire sentido, se constituindo como um espaço propício para que seus usuários tenham todo e qualquer tipo de conhecimento, num processo que poderia ser interessante para que professores e pesquisadores conheçam a relação estabelecida entre jovens professores e os conhecimentos que circulam na *Web*, na tentativa de promover ações que favoreçam repensar os usos destas redes digitais nos processos educacionais.

“Acho que o problema não é quantidade de redes, mas a forma como as pessoas se apropriam dela!”

Em seus estudos, Lévy (1999) mostra que é possível que grupos humanos se constituam em coletivos inteligentes a partir do *espaço do saber*, que é resultante da velocidade de evolução dos saberes, o qual que se reporta às consequências da evolução da ciência e das técnicas na vida cotidiana, no trabalho, onde as pessoas são convocadas a aprender e construir novos conhecimentos em rede. Para o autor,

Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real... esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber. (LÉVY, 1999, p. 177).

De acordo com Silva (2004), a codificação digital contempla o caráter plástico, fluido, hipertextual, interativo e tratável em tempo real do conteúdo da mensagem. Para o autor, a transição do analógico para o digital permite a criação e estruturação de elementos de informação: as simulações, as formatações evolutivas nos ambientes *on-line* de informação e comunicação que permitem criar, gerir e organizar.

O ciberespaço, que “já fez da cultura um lugar de produção de conteúdo, de *conexão livre entre pessoas e grupos* e de reconfiguração da vida social, política e cultural” (LEMOS, 2010, p. 29, grifos nossos), permite que múltiplas e variadas vozes interajam coletivamente na rede. Esta, pela sua estrutura, não apresenta um único centro estático, mas muitos nós que se formam e se transformam constantemente a partir das informações produzidas e compartilhadas pelos internautas ao redor do globo. Internautas como a jovem **GS**, que compartilha informações de um *site* de notícias na interface interativa do Facebook, revela justamente os diferentes usos que a tessitura do conhecimento nas redes digitais permitem:

GS: *[compartilha a reportagem]* “Estudante de Comunicação da UFRJ cria rede social para alunos trocarem informações de matérias e professores.”³

RC: *TOMARA QUE NUM DÊ CERTO! Já temos redes demais*

Pesquisador: *Acho que o problema não é na quantidade de redes, mas a forma como as pessoas se apropriam delas... gostei da reportagem, GS! Bjo*

RC: *Engraçado é que todos os caras nunca têm a pretensão de nada, né... Se tu perguntar pra ele se ele quer ficar rico, ele vai até dizer que não, rç*

GS: *o mark zuckerberg (criador do facebook), aparentemente não quer mesmo ficar rico... vou acreditar até onde der hauaua*

³ Reportagem disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/mat/2011/04/13/estudante-de-comunicacao-da-ufjr-cria-rede-social-para-alunos-trocarem-informacoes-de-materias-professores-924228619.asp>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

Ao analisarmos a reportagem compartilhada pela jovem no Facebook, trazemos à tona para o debate a própria ideia das apropriações feitas pelos internautas nas redes digitais. Essa discussão fica ainda mais evidente quando se toma como objeto a internet, uma vez que ela pode ser considerada um espaço com características de multiplicidade e de heterogeneidade, possibilitando a coexistência de ambientes informacionais jornalísticos, educacionais, de entretenimento, entre outros. Desta forma, a internet pode ser reconhecida como um espaço privilegiado para que seus praticantes se relacionem, discutam e reflitam sobre os mais variados assuntos; assuntos que, a todo instante, se renovam.

As redes se expandem gradualmente no ciberespaço devido à intensa participação de seus usuários. Isso aponta para a capacidade da internet em modificar-se, segundo afirma Lévy (1999, p. 160): “ela incha, se move e se transforma permanentemente”. E como ela se transforma e vem se transformando, principalmente a partir do início do século XXI, com a popularização dos computadores pessoais e das mídias digitais móveis, releva a intensa contribuição e participação dos milhões de internautas espalhados pelo globo na produção e circulação de informações nas redes sociais digitais. Embora muitos, como **RC**, desejem que a rede social criada pelo estudante de Comunicação da UFRJ “NUM DÊ CERTO! Já temos redes demais”, acreditamos justamente no contrário: são essas inúmeras redes criadas que potencializam e contribuem para a aproximação entre sujeitos geograficamente dispersos. Na perspectiva de Lévy (1999, p. 160),

A World Wide Web é um fluxo. Suas inúmeras fontes, suas turbulências, sua irresistível ascensão oferecem uma surpreendente imagem da inundação de informação contemporânea. Cada reserva de memória, cada grupo, cada indivíduo, cada objeto pode tornar-se emissor e contribuir para a enchente.

Na busca pelas palavras finais...

A cultura contemporânea, cada vez mais estruturada em torno das tecnologias digitais, cria uma nova relação entre a técnica e a vida social. As dinâmicas da colaboração e compartilhamento nos diversos *softwares* sociais, *softwares* livres, mensagens de texto, fotos e vídeos de celulares etc. cumprem bem a função de conexão e criam vínculos sociais através das tecnologias digitais. Isso revela o que apontam Rocha e Montardo (2005, p. 12), ao mostrarem que “o sucesso de sites de relacionamento, Orkut e derivados, são provas desta potencialização de sentimentos. Porque também se constitui em uma possibilidade de comunhão, de agregação virtual”. Emissão e conexão se complementam, pois sempre que o polo de emissão é liberado e há conexão existirão mudanças, movimentos, criação e colaboração.

O fato de que o conteúdo digital estará sempre passível de sofrer críticas pelos consumidores nos processos comunicacionais com o uso das mídias digitais revela o potencial crescente da conversa mediada pelo computador nas redes sociais da internet. Não há dúvida de que a etnografia virtual e os estudos no/do/com os cotidianos poderiam auxiliar pesquisadores de diferentes campos do saber na tarefa de dar visibilidade sobre como os jovens vêm tecendo saberes no ciberespaço. Todavia, vale salientar que, segundo coloca Alves (2001, p. 14), “em relação ao método, tenho que começar por admitir que estou sempre cheia de dúvidas e sobre ele tenho muito que aprender. Mas, como sempre digo aos meus orientandos: ‘É preciso fazer, para saber’”.

Além disso, seria preciso também entender qual o papel da educação em meio às novas práticas contemporâneas que hoje ocorrem no ciberespaço e que vêm modificando a relação dos jovens com o conhecimento e a informação digital. Nesse sentido, como a educação poderia se apropriar do fenômeno da cibercultura e construir, *com* a juventude, novas estratégias em sala de aula para abarcar também as manifestações culturais que ocorrem a partir das informações que circulam livremente nas redes sociais da internet? O estudo de Santos (2002,

p. 115) aponta para a necessidade de que o ensino e a aprendizagem sejam ressignificados pelos usos dos artefatos tecnológicos contemporâneos: “podemos nos inspirar no digital e nos seus desdobramentos (hipertexto, interatividade, simulação), propondo práticas curriculares mais comunicativas, como mais e melhores autorias individuais e coletivas”. Nessa perspectiva, entendemos que as redes sociais da internet permitem que as diferentes vozes dos estudantes sejam ouvidas e interpeladas, criando vínculos mais estreitos entre todos os envolvidos nos processos de ensinar e aprender, de forma que os limites físicos das salas de aula sejam rompidos, garantindo que professores e estudantes encontrem espaços de troca nas diversas interfaces digitais.

Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, Nilda (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-37.
- _____. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista FAMECOS*, n. 20, p. 34-40, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: Espaço Livre, 2009. 16p.
- JOBIM E SOUZA, Solange. O olho e a câmera: desafios para a educação na época da interatividade virtual. *Revista Advir*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 75-81, set. 2002.
- LE MOS, André. Os sentidos da tecnologia: cibercultura e ciberdemocracia. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-31.

- _____; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. Prefácio à edição brasileira. A mutação inacabada da espera pública. In: LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010. p. 9-20.
- MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de (Orgs.). *O pensar complexo*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 21-34.
- OLIVEIRA, I. B. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: SCHWARTZ, Cleonara Maria... [et al.] (Orgs.). *Desafios da educação básica e pesquisa em educação*. Vitória: EDUFES, 2007. p. 107-127.
- RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *Revista E-compós*, Brasília, v. 4, dez. 2005.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002. p. 44-56.
- SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, Marco; PESCE, Lucila; ZUIN, Antonio (Orgs.). *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicos*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 29-48.
- _____. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun. 2002.
- SILVA, Marco. Indicadores de interatividade para o professor presencial e on-line. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 4, n. 12, p. 53-109, maio/ago. 2004.

Sobre os Autores



Rosemary dos Santos

Formada em Letras pela Fundação Educacional Duque de Caxias (FEUDUC), com especialização em Educação com Aplicação da Informática pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ). Atualmente vêm desenvolvendo sua pesquisa de Doutorado no referido programa, atuando como professora do ensino básico de uma escola municipal de Caxias, no Rio de Janeiro. E-mail: brisaerc@hotmail.com



Dilton Ribeiro do Couto Junior

Formado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com especialização em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) e Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ). Atualmente vêm desenvolvendo sua pesquisa de Doutorado no referido programa, atuando como tutor à distância no CEDERJ, no curso de Pedagogia da UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br

Revista EducaOnline, Volume 7, Nº 1, Janeiro/abril de 2013. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 20/12/2012 e aprovo para publicação em 24/01/2013.